

Ar@cne

REVISTA ELECTRÓNICA DE RECURSOS EN INTERNET
SOBRE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES

Universidad de Barcelona.
ISSN 1578-0007
Depósito Legal: B. 21.743-98
193, febrero de 2015



A PRODUÇÃO EM GEOPOLÍTICA DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS NAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS ELETRÔNICAS

Edu Silvestre de Albuquerque
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Jardel de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A produção em geopolítica dos geógrafos brasileiros nas publicações científicas eletrônicas (Resumo)

Este trabalho analisa quantitativamente a produção geopolítica dos geógrafos brasileiros nos principais periódicos brasileiros *online* de Geografia, Ciência Política e Relações Internacionais classificados com Qualis CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), buscando avaliar o tamanho do déficit nas reflexões acadêmicas acerca das representações geográficas do poder desenvolvidas no país.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Geopolítica; Periódicos Acadêmicos.

The production in geopolitical of Brazilian geographers in scientific publications (Summary)

This paper quantitatively analyzes the geopolitical production of Brazilian Geographers in major Brazilian journals online of Geography, Political Science and International Relations classified Qualis CAPES, seeking to evaluate the size of deficits in academic reflections on the geographical representations of power developed in the country.

Key words: Geographical thought, Geopolitics, Academic Journals.

Recibido: 25 de febrer de 2014
Devuelto para correcciones: 10 de abril de 2014
Aceptado: 7 de octubre de 2014

Este ensaio visa discutir os resultados obtidos na pesquisa "Caracterização da produção geopolítica dos geógrafos brasileiros nos periódicos acadêmicos *online* classificados pela CAPES", realizada em 2009 no âmbito do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com recursos da Fundação Araucária¹. A geopolítica foi tomada em sua acepção clássica, enquanto projeção de poder dos atores estatais, envolvendo território, população e/ou recursos.

Foram analisadas publicações acadêmicas em periódicos *online* das áreas de Geografia, Ciência Política e Relações Internacionais, em razão do caráter interdisciplinar do pensamento geopolítico. A etapa quantitativa consistiu em mensurar a produção classificada com Qualis CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), valendo-se da leitura do sumário, palavras-chave, resumo e do próprio artigo quando da permanência de dúvidas. Na análise qualitativa foram aprofundadas as discussões acerca dos temas e enfoques dos artigos selecionados com foco na geopolítica.

Nos 30 periódicos *on line* de Geografia classificados com Qualis CAPES A e B, foram encontrados apenas 16 artigos sobre geopolítica de um total de 2.700 artigos analisados. Constatamos que essa produção ocorreu fundamentalmente a partir de 1997, e mais intensamente a partir de 2002. O curso de Geografia da UFRJ foi responsável pela publicação de 3 artigos na Revista Território; e a Revista Geografia, da Universidade Federal de Pernambuco, publicou quatro artigos sobre geopolítica. Isto demonstra que o quadro descrito por Costa em seu livro "Geografia Política e Geopolítica: Discursos Sobre o Território e o Poder", de 1992, não mudou muito na atualidade, onde o autor aponta o Laboratório de Gestão do Território da UFRJ e o Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFPE como principais centros de construção e difusão do pensamento geopolítico brasileiro.

Parte dessa bibliografia abarca temas e discussões referentes ao papel da esfera militar no desenvolvimento da geopolítica brasileira, caso dos planos de desenvolvimento econômico e de integração da Amazônia, que aparecem em destaque em 6 artigos. Os outros 10 artigos envolvem temas variados, desde a integração latino-americana até a questão da água, passando pela epistemologia da geografia política, os recursos minerais antárticos e a geopolítica do futebol. Entretanto, a maior preocupação dos artigos girava em torno da importância do desenvolvimento sustentável da região amazônica.

A análise apontou que a contribuição dos geógrafos brasileiros no campo da geopolítica é de natureza analítico-crítica, isto é, fortemente apoiada na perspectiva da desconstrução das relações de poder. A confusão metodológica acerca dos instrumentais de análise da geopolítica clássica se faz notar no fato de que, embora fossem temas que pudessem ser arrolados na geopolítica, eram discutidos sob o viés da Geografia Política, da Geografia Econômica e da Geografia Cultural. Assim, conforme Lima, "(...)temas como fronteira e território são discutidos através da identidade cultural e da manutenção da tradição"².

¹ Registramos o financiamento das bolsas de iniciação científica pela Fundação Araucária.

² Lima et al., 2011, p. 4.

A baixa produção bibliográfica levantada na pesquisa aponta que continua a aversão à geopolítica clássica como subárea da Geografia brasileira. Entretanto, ainda era preciso averiguar se essa baixa produção em geopolítica nos periódicos brasileiros de Geografia não ocorria por conta da publicação em outras áreas do conhecimento, notadamente a Ciência Política. Afinal, Lima recorda que "A Geopolítica já foi muito questionada como área da Ciência Geográfica, segundo Altiva Barbosa da Silva parte dos geógrafos da Zeitschrift fur Geopolitik (Revista de Geopolítica) desejaram antes, inclui-la na Ciência Política"³.

De fato, entre os geopolíticos clássicos, R. Kjéllen era jurista; enquanto A. Mahan e K. Haushofer eram militares; e entre os geógrafos se destacavam H. Mackinder e N. Spykman. E atualmente, como descreve Vesentini no livro "Novas Geopolíticas", essa diversidade de áreas e autores formuladores do pensamento geopolítico tem aumentado: "Eles são historiadores (Kinssinger, Kennedy), sociólogos (Huntington, Fukuyama), geógrafos (Taylor, Parker, Agnew), cientistas políticos (Brzezinski, Luttwak), economistas (Thurrow, Ohmae) e outros"⁴.

Também para Leonel Mello, a geopolítica pode ser considerada "um ramo autônomo da ciência política que tem por objetivo de estudo as relações e as mútuas interações entre o Estado e sua geografia"⁵. E ainda em Demétrio Magnoli, "o pensamento geopolítico informa, em grau maior ou menor, a conduta de todos os Estados"⁶.

A nova etapa da pesquisa envolvia, portanto, periódicos *online* de Ciência Política classificados com Qualis CAPES (estratos A e B), com recorte temporal no período de 2000 a 2010, e novamente os artigos selecionados foram aqueles cujas discussões remetiam às relações de poder envolvendo Estados.

Foram identificados preliminarmente 64 artigos relacionados à geopolítica de um conjunto de 3.338 artigos e 21 periódicos, entretanto, a maioria não apresentava conceitos e categorias do referencial teórico do pensamento geopolítico clássico, posteriormente sendo refutados na análise qualitativa. Na triagem ficamos com apenas 20 artigos (Quadro 1), ainda que a maioria apresentasse apenas parcialmente o viés geopolítico nas suas discussões, já que seu prisma era fundamentalmente de natureza econômica, cultural, social e, principalmente, política.

A situação descrita por Miyamoto parece não ter mudado muito em relação aos periódicos que fomentam a área da Ciência Política atualmente: "Uma rápida olhada na literatura existente servirá para constatar a pouca participação de cientistas políticos na elaboração e análise de estudos geopolíticos"⁷.

Alguns periódicos não foram contemplados na pesquisa por sua especificidade institucional, caso da Revista da Escola Superior de Guerra, e de periódicos do novíssimo campo das Relações Internacionais, caso do Meridiano 47 (UNB), Conjuntura Internacional (PUC Minas) e Contexto Internacional (PUC Rio de Janeiro),

³ Ibidem.

⁴ Vesentini, 2008, p.13.

⁵ Mello, 1999, p.74.

⁶ Magnoli, 2004, p.46.

⁷ Miyamoto, 1981, p. 78.

importantes na construção do pensamento geopolítico brasileiro e que merecem ser contempladas em futuras pesquisas.

Quadro 1: Produção de geopolítica em periódicos on line de Ciência Política - Brasil - 2000 a 2010

Estrato	Artigos	Geopolítica
A1	0	0
A2	166	2
B1	1128	8
B2	966	8
B3	440	1
B4	403	0
B5	235	1
Total	3338	20

Fonte: Autor, 2013.

No que se refere aos novos periódicos *online* de Relações Internacionais, foi observado que esses artigos sobre geopolítica mormente apresentavam-se em um formato “jornalístico” de 2 a 4 laudas, pouco aprofundando a discussão conceitual da área, e praticamente reproduzindo o que se vê nos principais telejornais do país.

A história do pensamento geopolítico brasileiro e as raízes do desdém acadêmico

O mérito da consolidação do campo geopolítico no país, sem dúvida, coube à Escola Superior de Guerra (ESG), que desde o final da Segunda Guerra Mundial formou uma vasta elite dirigente nacional sob a orientação doutrinária do binômio Segurança e Desenvolvimento. Criada em 1949, a ESG seguia os modelos institucionais do *American National War College* e do *Institute Française de Hautes Etudes de la Defense National*, reunindo especialistas militares e civis para o desenvolvimento de estudos militares, políticos, econômicos, sociais e científicos. O contexto histórico foi marcado pela busca de uma política de segurança nacional contra os movimentos subversivos de esquerda e articulada a uma visão de segurança hemisférica baseada na orientação estadunidense de contenção ao comunismo soviético, mas também incorporando a questão do desenvolvimento econômico nacional mesmo à revelia do interesse americano⁸.

⁸ Penha, 2011.

Ao contrário da geopolítica discutida na *Zeitschrift fur Geopolitik* que remetia ao pensamento desenvolvido no espaço acadêmico⁹, a geopolítica brasileira aparece fortemente amparada na produção dos militares, com destaque para as obras de Mário Travassos, Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva, baseadas na “internalização” ou adaptação de conceitos da geopolítica praticada na Europa no período da I e II guerras mundiais.

Dentre as raras exceções civis, destaca-se o pioneirismo do professor e geólogo Everardo Backheuser, na década 1920, que praticamente introduz a geopolítica clássica no país. Na década de 50, Therezinha de Castro, pesquisadora do IBGE, destaca em suas publicações a importância político-estratégica do Atlântico Sul e do continente antártico, propondo neste último a aplicação do princípio da defrontação para assegurar a posse de uma fração daquele território ao país.

Mas essa vinculação da geopolítica essencialmente ao pensamento da caserna cobraria seu alto preço com o fim do longo ciclo de regimes militares no país. A redemocratização devolveu o poder à elite civil, enquanto que as análises geopolíticas praticadas na academia brasileira foram se deslocando para uma crítica sistemática a todas as relações de poder, pouco contribuindo para as análises geopolíticas do poder mundial. A mídia brasileira é o melhor exemplo disto, ao chamar especialistas de diversas áreas para opinar sobre conflitos internacionais, mas raramente geógrafos.

Entretanto, as raízes deste desdém acadêmico pela análise geopolítica clássica vem de mais longe. Embora houvesse uma geopolítica antes e depois do período nazista, e também fora da Alemanha, a Geografia Regional Francesa fora quem chamara a si a tarefa de rotular o pensamento geopolítico de totalitário.

Que a própria Geografia Regional produzida pelos franceses tratasse de descrever as riquezas e dinâmicas dos espaços coloniais ultramarinos era uma missão instrumental muito bem ocultada pelos mestres franceses. Com efeito, a chamada crise da geopolítica do final da Segunda Guerra devia-se aos: "(...)vencedores [que] a identificavam com os vencidos (o fascismo italiano, a política expansionista do Japão de antes da guerra e especialmente o nazismo alemão) (...) escrever sobre ela (...) passou a ser algo não recomendável ou mesmo banido do mundo acadêmico e científico."¹⁰

Talvez a França fosse o país mais hostil ao germanismo, interessada na submissão total da Alemanha ao condomínio Inglaterra - Estados Unidos. Desde o insucesso napoleônico na guerra franco-prussiana até as revisões das fronteiras franco-alemãs pretendidas por esta última por ocasião das duas guerras mundiais, que a França guardava enorme rancor dos alemães. A própria introdução da disciplina de Geografia nas escolas francesas era uma tentativa de incorporar aquele civismo alemão que fizera a economia e a máquina de guerra alemãs quase triunfarem em diversas ocasiões.

Particularmente entre os geógrafos franceses, Pierre George dissemina a visão da geopolítica como uma pseudo-ciência, algo incorporado por Vidal de La Blache e os chamados "possibilistas franceses". É verdade que a tarefa de demonização da

⁹ Castro, 2005.

¹⁰ Vesentini, 2008, p. 25.

geopolítica alemã movida pelos franceses contou com dissidentes alemães, pois como indica o professor José William Vesentini, a associação da geopolítica com a ideologia nazi-fascista e o totalitarismo surge ainda nas décadas de 1930 e 1940, através dos trabalhos dos geógrafos alemães Alfred Hettner e Leo Weibel. Entretanto, mais tarde, o próprio Vesentini aponta que, na França, o cientista social e historiador Lucien Febvre, fundador da *Revue des Annales*, já acusara Friedrich Ratzel de determinismo geográfico na obra *La Terre et l'évolution humaine*, editada em 1922¹¹.

Com a afirmação mundial da Escola Francesa de Geografia - que praticamente monopoliza o discurso geográfico desde então -, rapidamente a crítica ao pensamento ratzeliano e à geopolítica alemã se dissemina por países como o Brasil, caso da missão francesa contratada para inaugurar as atividades docentes na Universidade de São Paulo, criada em 1934, e que inicia uma tradição no magistério superior brasileiro em procurar pós-graduação em universidades francesas.

"O marco inicial foi a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, considerada a "célula mater" da universidade, a partir da qual se aglutinaram escolas superiores isoladas então existentes."¹² Dentre os geógrafos franceses que estiveram na USP naquele período destacam-se Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig.

A responsabilidade pela Segunda Guerra foi cômoda e simplisticamente atribuída às gerações de intelectuais alemães que vivenciaram ou antecederam ao período nazista, nada fazendo para detê-lo. Assim, não foi difícil aos geógrafos franceses situar a crítica ao expansionismo alemão no geógrafo prussiano Friedrich Ratzel (1844-1904), embora este não tenha vivenciado o período nazista ou sequer formulara estratégias de contenção propriamente ditas.

Como era inexecutável responsabilizar apenas Ratzel pelo expansionismo alemão, então as críticas francesas se estenderam aos intelectuais alemães reunidos no âmbito do "Círculo de Munique", particularmente ao general e geógrafo Karl Haushofer, que no período do entre-guerras fôra lido pelos nazistas. Mas o geógrafo Wanderley Messias da Costa, na obra *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*, recorda que Adolf Hitler distorceu totalmente as ideias de Haushofer quando direcionou o expansionismo alemão para além dos territórios históricos que compreendiam povos germânicos, especialmente quando invadiu a Rússia, colocando fim ao próprio pacto de não-agressão que firmara anos antes¹³.

No início dos anos 1970, a Escola Francesa de Geografia vai encontrar no discurso da emergente Geografia Crítica subsídios para renovar sua cruzada contra a "produção de discursos estatais e nacionalistas" cuja origem estaria na geopolítica alemã. Num primeiro momento, os geógrafos críticos passam a denunciar as estratégias geopolíticas a serviço dos monopólios capitalistas dos países centrais. Principal expoente desta corrente, o geógrafo francês Yves Lacoste, no livro *A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, publicado em 1976, rotularia os geopolíticos de serviçais dos

¹¹ Disponível em <http://www.geocritica.com.br/determinismo.htm> Acesso em 16 de Setembro de 2013.

¹² Lucchesi, 2011, p. 3.

¹³ O próprio filho de Haushofer conspirara para assassinar Hitler. Costa, 1992.

"*Estados-Maiores militares e da burguesia nacional*"¹⁴, alcançando enorme sucesso mundo afora, inclusive no Brasil onde conta com dezenas de edições e virou catecismo nos cursos de formação de geógrafos e professores. Num segundo momento, a crítica dos geógrafos passou a abarcar a geopolítica dos países periféricos quando associadas a regimes políticos totalitários de direita (usualmente, poupando os regimes totalitários de esquerda).

Recentemente, tive a oportunidade de indagar a geógrafa Béatrice Giblin, coeditora da Revista *Herodote* e amiga pessoal de Yves Lacoste - fundador e ainda editor daquela mesma revista -, acerca da posição deste último em relação à atual presença de tropas francesas no Mali: a resposta foi que Lacoste apoia a ação militar francesa em nome da defesa da liberdade contra a agressão islâmica¹⁵. A pergunta fora motivada pelo comentário algo estranho de Giblin durante palestra no Brasil: Lacoste, ela e mais alguns amigos haviam realizado um brinde com champanhe para comemorar a retirada das tropas americanas do Vietnã ainda nos idos da década de 70. Ora, os americanos justificaram sua presença na Indochina exatamente pelos mesmos motivos que hoje os franceses alegam no Mali, apenas substituindo a guerrilha islâmica pela comunista, mas ambos se anunciando como porta-vozes dos valores democráticos.

Mas não foi apenas em terras francesas que a matriz marxista se impôs na academia durante a segunda metade do século XX. Isto pode ser constatado a partir de outro manual adotado amplamente nos cursos de graduação em Geografia do Brasil, que reproduz essa simplificação histórica contra a geopolítica. Trata-se da obra *Geografia: pequena história crítica*, do geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes. É verdade que o próprio autor menciona em prefácios posteriores que, à época da redação do original, a luta de toda a sua geração era contra o regime militar que dirigia o Estado burguês brasileiro, e que nas atuais condições democráticas aquela visão antiestatal deveria ser relativizada. Ocorre que esta retratação passa quase despercebida diante da manutenção da estrutura de redação original da obra do autor. Na obra, embora Moraes resguarde Ratzel e acuse apenas alguns de seus discípulos como Ellen Sample de deterministas, a sensação que fica é de uma "escola geopolítica" alemã associada ao expansionismo territorial e ao determinismo ambiental, sobretudo para alunos de graduação que tem pela primeira vez contato com uma obra acerca da evolução do pensamento geográfico.

Geografia Política e Geopolítica: esforços complementares ou antagonistas?

Diversos autores consideram que Geografia Política e Geopolítica são equivalentes enquanto recortes geográficos do fenômeno político. Entretanto, enquanto a geopolítica é indissociável das estratégias do Estado nacional de controle do território e/ou projeção de poder para o exterior, a geografia política pós-ratzeliana tem perseguido uma ruptura com a "visão centralista e unitária" do Estado nacional e também em relação às diversas

¹⁴ A ideia da obra nasce de artigo de Yves Lacoste onde denunciava a estratégia de bombardeamento dos diques rurais vietnamitas pelas forças de ocupação estadunidenses durante a Guerra do Vietnã, portanto, no contexto de uma visão bipolar de mundo entre as ideologias comunista e liberal.

¹⁵ A indagação ocorreu durante os debates da palestra de Béatrice Giblin no II Simpósio Nacional de Geografia Política, realizado em Manaus, em 2013.

estratégias espaciais de uma plêiade de atores e instituições não-estatais¹⁶.

Entretanto, reconhecer apenas essa diferenciação intradisciplinar aludida acima, ao invés de sua complementação, traz uma série de problemas teóricos e reais:

a) se a construção de uma geografia política das minorias sociais para dentro e fora da dimensão classista faz-se extremamente necessária para auxiliar na reformatação das próprias instituições públicas construídas durante séculos de vida republicana, também é verdadeiro que essas próprias transformações sociais pretendidas dependem das políticas de Estado e não da abolição deste; daí que soa inteiramente falso o pressuposto de que o Estado impede quaisquer movimentos políticos por relações sociais mais igualitárias;

b) recorrer ao discurso antiestatal faz coro ao pensamento neoliberal e reforça sua hegemonia ideológica, como nas: b1) teorias sociológicas da globalização amparadas em um antinacionalismo quase fanático e em categorias universais abstratas como “sociedade global” e “internacionalismo” (que reforçam as ideias de fronteiras abertas e de desregulamentação dos mercados, e via de consequência, livram as grandes corporações privadas transnacionais de todos os constrangimentos políticos)¹⁷; b2) teorias da geografia política que advogam o anacronismo da ideia de centro – periferia (caso de George Benko e outros), e inclusive sua metamorfose do policentrismo do sistema internacional atual (caso de Michel Foucher), de resto incoerentes com a empiria do mundo revelada pela retomada do unilateralismo americano no Oriente Médio Expandido, conforme demonstram José L. Fiori¹⁸ e David Harvey¹⁹ ao analisarem os interesses petrolíferos em questão; b3) teorias ambientalistas que ao defenderem normas globais e ações locais também cumprem a agenda neoliberal quando relativizam a soberania nacional e o desenvolvimentismo.

Por tudo isto, a aplicação da utopia da *paz perpetua* kantiana representaria a cristalização das assimetrias econômicas, culturais, políticas e militares do sistema internacional, como lembra o embaixador brasileiro Samuel Pinheiro Guimarães²⁰. Essas assimetrias persistem em estruturas de poder formais e informais que impedem a universalização das condições materiais dos países centrais na direção da periferia.

Visando fomentar um espaço acadêmico para a produção geopolítica por parte da comunidade geográfica brasileira e além dela, foi lançada a partir de 2010 a Revista de Geopolítica. A publicação em formato eletrônico (<http://www.revistageopolitica.com.br>) tem caráter semestral, garantindo a publicação de cerca de 20 artigos ao ano em geopolítica e áreas afins. O Qualis CAPES da Revista de Geopolítica é B1 em Planejamento Urbano e Regional/Demografia e em História; B4 em Sociologia e em

¹⁶ Em grande medida, foram os geógrafos franceses Paul Claval, na obra *Espaço e Poder*, e Claude Raffestin, em *Por uma Geografia do Poder*, que relançaram a geografia política contemporânea, ainda em meados da década de 1970. Desde então, os trabalhos nesta linha tem pendido entre o método funcionalista da matriz liberal de Claval e o criticismo da matriz marxista de Raffestin.

¹⁷ Nesta “visão sociológica” da globalização se enquadram autores diversos, como o francês Paul Claval e o brasileiro Octávio Ianni.

¹⁸ Fiori, 2007.

¹⁹ Harvey, 2004.

²⁰ Guimarães, 1999.

Ciência Política e Relações Internacionais; e B3 em Geografia.

Conclusões

Em outra obra, Albuquerque aborda as causas mais profundas do abandono do pensamento geopolítico clássico pelos geógrafos brasileiros e além²¹. Diz o autor, que na geografia predomina na atualidade o criticismo em relação ao mercado e às políticas estadocêntricas. Ao mesmo tempo, ocorre um abandono da visão marxista espelhada na construção de uma identidade classista, em nome de uma agenda propositiva ainda incerta mas geralmente marcada por uma visão fragmentada de movimentos sociais, afinal localizada em grupos minoritários e marginalizados ligados a identidades étnicas e de gênero. Esse é o novo consenso estabelecido para "fazer ciência" geográfica, monolítico e, a sua forma, totalitário.

Esse consenso estabelece uma crítica ácida ao pensamento geopolítico clássico, em nome de uma "nova geopolítica escolar" vinculada à implementação de uma metodologia pseudo progressista. Entretanto, nos moldes propostos, esses "novos" paradigmas trazem uma perigosa paralisia intelectual diante da grande política, isto é, aquela praticada pelos países centrais para a manutenção de seu *status quo* num sistema internacional cada vez mais assimétrico.

Enquanto isto, o novíssimo campo das Relações Internacionais vai incluindo gradativamente em sua estrutura curricular disciplinas e conteúdos de geopolítica, que questionam o monolitismo da interpretação do sistema internacional pela dimensão cooperativa ao incorporarem certa dose de realismo.

Enquanto na geografia ficarmos presos à associação mecanicista entre geopolítica e totalitarismo, perderemos não apenas mercado, mas uma compreensão mais ampla das relações de poder no espaço geográfico. Precisamos combater urgentemente a ideia de que a geopolítica brasileira foi produto apenas da caserna, e para isto é preciso resgatar um episódio pouco discutido da história brasileira. Antes mesmo da criação da ESG, o Itamaraty fundara o Instituto Rio Branco (IRB), em 1945, igualmente visando formar uma elite dirigente especializada na atuação em assuntos de política exterior. O principal legado do IRB foi a consolidação de um corpo diplomático engajado no projeto do Brasil Potência, e que soube defender os interesses nacionais no plano externo sempre que não impedida por orientações ideológicas do governo brasileiro. Curiosamente, os temas de geopolítica brasileira no recém-criado IRB ficaram a cargo do geógrafo Delgado de Carvalho, que procurou destacar os fatores geográficos espaço e posição na análise da política externa brasileira.

A expansão dos cursos de graduação e pós-graduação em Relações Internacionais no país implementam uma disciplina ao mesmo tempo crítica e competente das relações de poder do sistema internacional, ocupando um espaço não devidamente aproveitado pela comunidade geográfica brasileira. Enquanto predominar na geografia humana a visão de que apenas a busca por normas universais produzem discursos sociais válidos, enquanto menosprezarmos o papel do espaço físico e da geohistória na produção do espaço geográfico, será mais que natural ver a geopolítica florescer em outras searas.

²¹ Albuquerque, 2011.

Referências

- ALBUQUERQUE, E. S. *Uma breve história da geopolítica*. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2011.
- BECKER, B. K. A geografia e o resgate da geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, Ano 50, número especial, tomo 2, FIDGE, 1988.
- CASTRO, I. E.. *Geografia e Política: território, escala de análise e instituições*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1992.
- FIORI, José Luis. A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul. *Oikos - Revista de Economia Ortodoxa*, Rio de Janeiro, n. 8, ano VI, 2007.
- GUIMARÃES, S. P. *Quinhentos anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.
- HARVEY, David. *O novo Imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988.
- LIMA, J.; et. al. Reflexões acerca do pensamento geopolítico acadêmico através dos principais periódicos on line de geografia. *Anais do II Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder e do I Simpósio Internacional de Geografia Política e Territórios Transfronteiriços*, 2011.
- LIMA, J.; et. al. Reflexões entretidas na análise do pensamento geopolítico brasileiro e a participação dos geógrafos na formulação do seu instrumental teórico. *Anais do XX EAIC, UEPG, Ponta Grossa*, 2011.
- LIMA, J.; et. al. Caracterização da produção dos geógrafos brasileiros sobre geopolítica nos principais periódicos on line de geografia. *Anais do XIX EAIC, UNICENTRO, Guarapuava*, 2010.
- LUCCHESI, M. A. S. O ensino superior brasileiro e a influência do modelo francês. *Anais do XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*. Florianópolis, 2011.
- MAGNOLI, D. *O mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 2004.
- MELLO, L. I. A. *Quem tem medo da geopolítica?* São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999.
- MIYAMOTO, S. Os estudos geopolíticos no Brasil: Uma contribuição para sua avaliação. *Perspectivas*, São Paulo, n. 4, p. 75-92, 1981.

PENHA, Eli Alves. *Relações Brasil - África e geopolítica do Atlântico Sul*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, A. O. A sua revista tem Qualis? *Mediações*, vol. 14, n. 1, p. 117-124, 2009.

VESENTINI, J. W. *Novas Geopolíticas*. 4º Ed. São Paulo: Contexto, 2008.